

SARA GOODMAN CONFINO

TRADUÇÃO
WILLIAMS GLAUBER

COISAS QUE
APRENDEMOS
PELO CAMINHO

UM

— CONHECI UMA PESSOA.

Não desviei o olhar do celular, as minhas pernas estavam dobradas sob mim no sofá enquanto eu passava os olhos pelas listas de imóveis disponíveis.

— Ah! Já era para eu ter falado... eu também. Lembra aquela garota com um cachorro horrível e barulhento? O nome dela é Wanessa. Ela é muito legal. Agora estou seguindo a Wanessa no Instagram.

— Não. Eu... — Brad parou, pigarreou e tentou de novo: — O que quero dizer é que eu *conheci alguém*, conheci mesmo.

Dessa vez, desviei o olhar do celular, estreitando os olhos.

— E o que isso significa?

Ele não respondeu. Seus ombros estavam curvados, no rosto havia uma careta de dor, parecia que Brad estava se preparando para um ataque. Olhei para a sua mão esquerda, vi o polegar tocando a aliança de ouro branco que ele estava usando nos últimos quatro anos e senti algo se revirar em meu estômago.

— Ah...

Ele afundou na cadeira à minha frente.

— Jenna... eu... me desculpa.

— Bem. Tudo bem. Mas acabou, não é? A gente... pode fazer terapia de casal e vamos... vamos lidar com isso. As pessoas fazem... coisas... e elas conseguem passar por isso.

Seus olhos se arregalaram.

— Não.

— Como assim não? Não, você não terminou com... ela? Ou não, você não quer terminar...?

— Me desculpa, de verdade.

Até aquele momento, eu nem tinha percebido que o meu celular ainda estava na mão e então o joguei no sofá.

— Pare de falar isso!

Ele estremeceu, e eu senti uma onda de náusea tomar conta de mim, mas lutei contra isso, me controlei.

— Mas... a gente estava procurando uma casa.

— Eu sei.

— E íamos começar a tentar engravidar assim que estivéssemos na casa nova.

— Eu sei.

— E você... você estava... mentindo... quando disse que queria tudo isso?

— Não... eu não estava exatamente mentindo. Eu quero filhos. E pensei que talvez isso fosse ajudar. Olha, eu não estava procurando outra pessoa. É que simplesmente aconteceu. E isso me fez perceber o quanto estávamos infelizes.

— *Eu* estava feliz!

Ele parecia que estava prestes a discutir, e eu senti as minhas esperanças aumentarem. Não que eu *quisesse* brigar, mas se ele estivesse disposto a conversar, ainda havia uma chance. Eu poderia fazer com que ele voltasse a si. Era o que eu sempre fazia. Mas então Brad mudou de curso.

— Tudo bem. Mas eu não estava. A gente brigava o tempo todo. Quase nunca mais transamos, e estou cansado de ter que fingir que tudo está perfeito quando, na verdade, não está.

Respirei fundo. Ele não estava exatamente *errado*. Estávamos brigando muito mesmo. E sexo? Não deve ter sido *tanto* tempo assim. Será? Não, eu não conseguia me lembrar da última vez que havíamos transado de verdade, mas não poderia ter sido mais do que... Eu mesma me interrompi. Se eu precisava calcular quanto tempo, aquilo não era um bom sinal. Mas... isso não significava que não estávamos felizes. Talvez houvesse algumas rachaduras na estrutura, mas não era algo que não pudéssemos consertar.

— Podemos tentar resolver tudo isso. Podemos procurar alguém com quem conversarmos. Podemos... podemos fazer uma viagem. Escapar da rotina. Só nós dois. Reconectar. Vamos deixar essa coisa de engravidar na fila por um tempo. Mas não um tempo longo demais, afinal, não estamos ficando mais jovens. Mas só um pouquinho. Até que a gente esteja em um terreno mais sólido. Vamos voltar para aquele resort para onde fomos na nossa lua de mel, faz anos que comentamos que a gente deveria voltar lá. Fomos tão felizes lá. Podemos ir e aí vamos... consertar as coisas.

Brad balançou a cabeça.

— Eu não *quero* mais ter que me esforçar para consertar as coisas. Não deveria ser tão difícil assim. Você e eu sempre fomos melhores na teoria do que na prática. E com a Taylor é simplesmente... fácil.

— *Taylor*? Ela deve ter uns vinte e dois anos, não é? Você está me deixando por um clichê.

Brad virou a cabeça para o lado para estalar o pescoço, o que me fez estremecer. Ele sabia que eu não suportava quando ele *fazia* isso e, pelo visto, nem ligava mais.

— Você não percebe? É exatamente sobre isso que estou falando. Você nem se importa que *eu* não esteja feliz. Você só se importa com o que isso vai parecer quando contar para as pessoas.

Eu o encarei. Como ele ousa agir como se eu fosse superficial por não me importar com seus sentimentos quando *ele* estava *me* deixando por uma jovem de vinte e dois anos de idade?

Minha boca se abriu para discutir. Para dizer que, na verdade, era ele quem não se importava com os *meus* sentimentos. Mas tudo o que saiu foi um sussurro.

— Mas nós dois estamos casados.

Brad se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, ele começou a falar, o seu tom de voz era sério, mas eu só ouvia frases acima do rugido nos meus ouvidos. *Já estava infeliz fazia um tempo... percebi que fiquei aliviado quando você descobriu que não estava grávida... brigando tanto... não estou mais apaixonado... nós dois merecemos algo melhor.*

Eu o interrompi no meio da frase. Talvez eu não tenha compreendido muito do que ele disse, mas já tinha ouvido o suficiente.

— Você não vai querer nem mesmo tentar?

— Me desculpa.

— Mas... a gente acabou de comprar uma bicicleta ergométrica. E ainda nem chegou!

Meu marido balançou a cabeça, revirando um pouco os olhos.

— Você pode ficar com ela.

— Eu não estou nem aí para a merda da bicicleta ergométrica!

Brad se encolheu. Ergui o olhar para ele.

— Então é isso? Você está simplesmente... indo embora?

Ele pigarreou de novo, dessa vez senti meu peito apertar ao perceber o próximo problema a ser enfrentado.

— Por hoje, sim. E você pode ficar aqui o tempo que precisar até descobrir o que quer fazer. Mas...

Levantei a mão, e ele parou de falar. Já sabia o que estava por vir. O apartamento era dele antes de nos casarmos. Eu jamais estive na escritura. E como professora do ensino médio, aquele lugar estava muito, muito além do meu orçamento.

— Vou ajudar o tanto que você precisar para se organizar financeiramente.

— Acho que preciso de um advogado para descobrir como isso funciona.

Eu estava tentando obter uma reação dele. Brad era advogado e isso tinha que doer. Mas ele não teve reação.

— Vou vender o apartamento. E dou metade para você.

Minha boca se abriu mais uma vez, agora para dizer para ele que eu não queria, mas logo a fechei. Se ele fosse explodir tudo aquilo que construímos, me deixar solteira e sem-teto aos trinta e quatro anos, eu não deveria ir embora só com uma bicicleta ergométrica ridiculamente cara. Balancei a cabeça quase que de uma forma imperceptível.

Ele se levantou e caminhou até a porta, ali pegou uma mochila que eu nem sequer tinha notado que ele estava arrumando.

— Me desculpa — disse ele mais uma vez, agora da porta, tirando a aliança de casamento e a deixando na mesinha onde colocamos as correspondências. E então se foi.

Pousei a cabeça nas mãos, lágrimas de frustração por conta da minha própria inadequação começaram a cair. *Como isso foi acontecer?* Eu me perguntei. Estávamos juntos havia seis anos. *Seis anos!* E aí, do nada...?

Mas será que foi mesmo do nada? Uma vozinha na minha cabeça questionou. Agora que eu conhecia o contexto, ele andava sorrindo muito para o celular. De certa maneira, Brad não sorria mais para mim: quando ele parou de me olhar dessa forma? Eu nunca perguntei para ele por que estava sorrindo. Mas a verdade era que eu não me importava. Eu deveria ter me importado. Eu deveria ter perguntado. Eu deveria ter percebido que havia alguma coisa errada quando *ele* parou de querer fazer sexo. Ou talvez eu devesse ter me importado quando eu parei de querer, o que foi muito antes dele.

Mas eu não me importei.

Xinguei, quebrando assim o silêncio do apartamento. Estava tão quieto. Olhei ao redor daquela que havia sido a minha casa nos últimos cinco anos, agora a via com novos olhos.

Esse apartamento... bem, ali sempre foi um ponto de passagem. Mesmo antes de nos casarmos, o plano era comprar uma casa para começar a nossa família. Esse nunca foi um lar para todo o sempre.

E talvez tenha sido justamente aí que o problema começou. Quatro anos atrás, eu já estava pronta para me mudar e tentar engravidar. Mas Brad encontrava algo errado em toda casa que visitávamos. Ou o período estava dissonante com seu trabalho. E sempre que eu trazia o assunto bebê à tona, ele me lembrava de que queria que nos acomodássemos em uma casa primeiro.

Por um lado, era melhor que ele estivesse vendendo o apartamento. Eu não teria que imaginá-lo lá com uma loira recém-saída da faculdade, de olhos de corça, que ri de cada coisa idiota que ele fala. Já por outro lado, por que ele não estava disposto a dar o próximo passo comigo?

Respirei fundo. *Eu consigo fazer isso.* Sim, eu estava magoada, mas tinha sobrevivido a cem por cento dos contratemplos que enfrentei até agora na vida. Esse não seria aquele que me destruiria. Eu levaria algumas semanas para me curar das feridas e depois... bem, apenas descobriria um plano maior para aquilo tudo. Porque eu precisava.

Mas para fazer isso, eu tinha que sair. Então era isso. Ficar no apartamento, mesmo que apenas por uma noite, tornaria as coisas muito mais difíceis.

— Esta não é a minha casa — eu disse em voz alta, pegando o celular da ponta do sofá onde o havia jogado.

Senti os ombros caírem quando o desbloqueei e vi a casa que eu estava pesquisando quando Brad jogou a sua bomba. Teria sido um lugar tão perfeito para criar uma família. Senti os meus futuros filhos imaginários estourando como se fossem bolhas de sabão e se dissipando pelo ar.

Com um suspiro, deslizei o dedo para fechar o aplicativo e respirei fundo de novo, olhei uma última vez para o horizonte de Washington, D.C., através da porta da varanda. Então, entre os meus contatos, apertei o botão de chamada e coloquei o celular no ouvido.

— Oi, meu docinho. Tudo bem?

Minha voz falhou quando comecei a chorar sem qualquer pudor.

— Será que eu posso voltar para casa por um tempo, mãe?

DOIS

Seis meses depois

MINHA MÃE ENTROU NA SALA DA FAMÍLIA E se colocou bem na frente da televisão.

— Ei!

Meu pai e eu dissemos em tons idênticos.

— Mãe, você está atrapalhando.

Ela levantou uma sobrancelha e posicionou uma das mãos no quadril.

— *Eu* estou atrapalhando? Até onde eu saiba, esta era a minha casa.

Papai pegou o controle remoto de onde estava na almofada do sofá entre nós e desligou a TV, se afastando milimetricamente de mim.

— Hum. Tudo bem. Desculpe? — Olhei para o meu pai, fazendo uma pergunta silenciosa para ele a respeito do que estava acontecendo com a minha mãe. Ele não respondeu. Pelo visto, as suas próprias unhas eram fascinantes.

— Jenna, é sábado à noite.

— Você quer assistir ao filme com a gente?

Minha mãe piscou devagar e disparou:

— Quero que você saia.

Meu estômago se revirou. Ela era a minha mãe. Não deveria me expulsar, mesmo que eu tivesse quase trinta e cinco anos de idade, mesmo que eu estivesse acampando no meu quarto de infância por tempo indeterminado.

— E para onde eu devo ir? Eu não ganho salário durante as férias de verão.

— Eu não quero dizer que você precisa *se mudar*. Quer dizer, claro que eu quero. Você tem que se mudar. Mas não quero dizer hoje à noite. O que quero dizer é que você precisa começar a *sair* e ver pessoas. E fazer coisas. Não assistir ao *Clube dos pilantras* com o seu pai em uma noite de sábado. Caso contrário você vai morar aqui até ter a nossa idade.

— É o *Feitiço do tempo* — meu pai interveio. — Já assistimos ao *Clube dos pilantras* ontem à noite. É uma maratona de filmes com o Bill Murray.

Mamãe o encarou, e ele parou de falar.

— Mas eu saio — resmunguei.

— *Happy hour* no último dia de aula não conta como sair.

— Para onde você quer que eu saia, mãe? Os meus amigos são todos casados. Não é como se eles estivessem indo para bares o tempo todo. Estão em casa. A maioria com os filhos.

— E se você não começar a sair, essa pessoa *nunca* será você.

Senti lágrimas hipócritas ardendo nos meus olhos.

— Essa pessoa *era* eu. Eu nem me divorciei ainda.

— Por escolha sua. Se você assinar esse acordo de separação e deixar que ele resolva isso logo, vai poder se ver livre em alguns meses, em vez de arrastar isso por um ano. E o quanto antes você o deixar, mais rápido ele vai vender o apartamento, então você teria dinheiro suficiente para se mudar, mesmo durante o verão.

Cruzei os braços, mal-humorada. Brad merecia totalmente ter que esperar o ano inteiro de separação para assim pedir o divórcio. Eu não facilitaria as coisas para ele dizendo que a nossa separação era mútua para que assim ele e Taylor pudessem ficar juntos mais rápido e sem qualquer culpa. Mesmo que uma procura nas redes sociais tivesse provado que ela não era, na verdade, uma loira de vinte e dois anos de idade, eu não estava me sentindo lá muito generosa com a minha substituta.

Minha mãe não se intimidou.

— Além disso, aqueles amigos casados têm amigos solteiros. E você deveria estar usando algum aplicativo de namoro. Cria uma conta no Tinder.

— Ai, credo! Mãe! Isso é usado principalmente para sexo!

Meu pai fingiu se sufocar com um travesseiro.

— Então o Badoo.

— Esse é para os mais velhos.

— Par Perfeito.

— Pessoas que estão desesperadas para se casar.

— Olha, eu não me importo com qual desses aplicativos você usa, mas já passou da hora de você sair e conhecer pessoas. Por acaso você já colocou um sutiã ou usou maquiagem desde que as aulas terminaram? — Meu pai encontrou um fiapo no sofá que o deixou completamente absorto. — Não

estou dizendo que você precisa se casar de novo agora, mas você precisa fazer *alguma coisa*. Eu entendo que você precisava se esconder por um tempo, porém já chega. Você não pode viver no seu quarto de criança para sempre. Você não está mais no ensino médio. Vai fazer trinta e cinco anos em algumas semanas. É hora de colocar a sua vida nos eixos.

Eu me levantei, ferida, e subi depressa as escadas sem dizer uma palavra. Quase bati a porta do quarto, mas isso só provaria o seu ponto de vista, então a fechei em silêncio e contornei a bicicleta ergométrica que ocupava espaço demais no quarto, mas que eu insistia em mantê-la comigo. Eu havia encontrado a tal Taylor no aplicativo de pesquisa de casas e apartamentos, ela o usava todos os dias. Isso não provava que eles estavam morando juntos, mas ou estavam ou Brad havia comprado um segundo apartamento.

Eu me afundei na cama de casal, que parecia tão grande aos quinze anos quando troquei a de solteiro, mas agora ela fazia as minhas costas doerem porque o colchão tinha vinte anos de idade e a minha coluna estava prestes a entrar na segunda metade dos trinta. *O que vou fazer da minha vida?*

A realidade era que eu não tinha vontade de namorar ninguém. Não que eu sentisse saudade de Brad. Verdade seja dita, eu não sinto saudade nenhuma. Ele roncava. E era condescendente com frequência. Menosprezava o meu trabalho como se fosse menos importante que o dele. Além disso, ele tinha péssimo gosto para música e filmes.

Em vez disso, me senti vazia. Como se alguém tivesse recolhido todos os pedaços de quem eu era de verdade. Claro, eu ainda parecia a Jenna. Mas perceber que a minha vida era uma completa mentira tinha um preço. Eu ainda não estava pronta para ressurgir, para admitir que havia perdido e recomeçar. Eu simplesmente não tinha nada para oferecer a alguém novo. O poço estava vazio.

Ela ficaria satisfeita se eu entrasse no Tinder e trouxesse um cara para casa, pensei, imaginando a expressão no rosto da minha mãe quando algum cara aleatório entrasse na cozinha de manhã, sem camisa, para beber leite direto da caixa. *Você me disse para tentar usar o Tinder*, eu diria para ela, dando de ombros. Não que os meus pais guardassem leite em casa. Minha mãe sempre tomava chá e meu pai era intolerante à lactose. Porém, os homens dos encontros casuais de uma noite só tinham que beber leite da caixa enquanto estavam seminus. Todo mundo sabe disso.

A minha melhor amiga do trabalho queria me apresentar alguém. O simples pensamento daquilo me enchia de pavor, contudo, talvez ir a um encontro casual me livraria do julgamento da minha mãe por pelo menos um mês, talvez mais. E isso era tudo de que eu precisava. Mais um mês. Quem sabe dois. Assim, já me sentiria mais eu mesma.

Era o que eu esperava.

TRÊS

EVITEI A MINHA MÃE O MÁXIMO QUE PUDE nos dias seguintes, o que exigiu muita atenção às portas e um entrar furtivo na cozinha em horários um tanto estranhos para comer. Se eu fosse invisível, talvez ela esquecesse que eu estava ali.

Mas foi na noite de uma quinta-feira que ouvi a chegada inconfundível da minha avó, seguida do meu pai batendo baixinho à porta do meu quarto.

— A sua avó está com aquele olhar maluco — ele alertou quando o deixei entrar. — Você sabe bem que ela e a sua mãe estão prestes a brigar quando ela fica assim. Você não pode me deixar sozinho com aquelas duas.

Suspirei, mas concordei em descer com ele. Havia uma boa chance de a minha avó ficar do meu lado. A principal forma de entretenimento de Evelyn Gold era antagonizar as duas filhas, o que com frequência significava se colocar em uma posição a beneficiar os netos. Ela até poderia se voltar contra nós com a mesma agilidade, mas em geral não fazia isso, caso as nossas mães estivessem presentes. Se torturar as filhas era uma forma de arte, as obras da minha avó pertenceriam ao Louvre.

Minha avó voltou os olhos, afiados como sempre, apesar de seus quase oitenta e nove anos, para mim, a neta mais velha, enquanto eu me sentava na mesa da sala de jantar.

— Ah, está viva — disse ela, os cantos dos lábios se contorceram em um meio sorriso. — E olha que pelo jeito que a Anna falava, eu estava quase certa de que teria que queimar a casa para você vir me ver.

A boca da minha mãe se apertou em uma linha fina.

— Descer do quarto ela até desce. Só não sai de casa.

— E quem quer sair de casa hoje em dia? Você tem tudo de que precisa dentro do Google e do Facebook. Além disso, está muito úmido. — Ela piscou para mim. — Você só fica no seu casulo até que esteja pronta para sair.

— A senhora não está ajudando, mãe.

— Eu não estou ajudando *voce*, talvez. Mas, Jenna, querida, eu estou ajudando? — Meu pai começou a rir, ato que ele tentou esconder atrás de um falso ataque de tosse quando a minha mãe olhou para ele. Vovó franziu os lábios. — Pensando bem, não responda. Eu não gostaria de colocar você em apuros.

Minha mãe balançou a cabeça e mudou de assunto.

— Eles já marcaram uma data para o casamento?

— Casamento de quem? — perguntei.

— Da sua prima Lily. Ela vai se casar com aquele garoto daquele negócio de bog — disse vovó.

Ela se referia ao blog da minha prima. Levantei uma sobrancelha.

— E ela vai mesmo ter um casamento?

— Ao que parece, sim.

— Hum. Boa sorte para ela encontrar alguém disposta a ser dama de honra.

Vovó acenou com a mão no ar.

— Isso já ficou no passado, de tempos atrás.

Abri a boca para dizer que, na verdade, *isso foi apenas alguns meses atrás*, mas me contive. Não tinha sido. Já fazia um ano que a minha prima foi dama de honra em cinco casamentos durante um único verão e fez sua vida mudar ao criar um blog em que destruía as noivas, o que é claro que se tornou viral. Lily sempre teve um talento para o dramático, algo que, para ser justa, era de família. Não dava para fugir disso, *não* quando você era descendente da nossa avó. Mas *já faz* um ano mesmo, não é? O que significava que eu estava vivendo no meu quarto de infância por... Ah, não.

— Que bom para ela — murmurei, sem entusiasmo.

Minha avó lançou aquele olhar afiado para mim de novo, estendeu a mão e deu um tapinha na minha.

— Não existe só o Brad — comentou ela. — Você vai ver. Eu nunca gostei dele.

Você não poderia ter me dito isso há seis anos?, pensei. Mas então a vovó voltou sua atenção para a minha mãe.

— Em algum momento da primavera, acho. Vão fazer algo nos arredores mesmo. Nada grande ou extravagante.

— Fico feliz que tenha dado certo para ela — disse mamãe. — Joan deve estar se sentindo nas alturas.

Vovó revirou os olhos, mas havia um brilho de diversão neles.

— Joan já está tentando planejar um grande casamento. Afinal, é o último dela. Ela quer se despedir de uma forma grandiosa.

Um músculo ficou tenso na mandíbula de minha mãe. Eu era a mais velha de suas três filhas. Beth tinha trinta e um e havia acabado de ter seu segundo filho. Mas Lindsey tinha vinte e nove anos e não mostrava sinais de querer se casar tão cedo. Ter uma filha solteira de quase trinta anos e outra de quase trinta e cinco prestes a se divorciar a colocava em clara desvantagem na competição de uma vida inteira entre suas duas irmãs.

— Mas — continuou vovó, cortando um pedaço de frango em seu prato — eu não vim aqui para falar sobre a Lily hoje. — Ela espetou um pequeno pedaço com o garfo. — Vim me despedir.

Senti o meu sangue congelar. Câncer? Tinha que ser câncer. Mas ela não *parecia* doente. Sempre parecia estar do mesmo jeito. Minha respiração emergiu em rajadas rasas quando ouvi um som desconhecido do outro lado da mesa. Olhei para a minha mãe, mortalmente pálida, levando a mão à boca.

— Ah, mãe. — Ela engasgou.

Vovó largou o garfo e limpou a boca com calma com o guardanapo, olhando para o efeito que havia causado em nós.

— Para que tanto estardalhaço? Estarei de volta em uma ou duas semanas. E vou estar com meu iPhone.

— Do... do que a senhora está falando?

— Vou para casa. Para Hereford. Amanhã.

— Você... o quê?

Ela confirmou.

— Mas por quê?

— Tenho alguns assuntos a tratar por lá.

— Quais assuntos?

— Coisa minha. — Ela cruzou os braços.

Minha mãe olhou para a mãe com cautela.

— E como a senhora pretende chegar lá?

— Ora, dirigindo.

— De jeito nenhum.

Vovó se animou bastante com aquela declaração de guerra dada pela filha.

— Ah, vou sim. Eu já dirigi para lá mil vezes.

— Não nos últimos trinta anos!

— Você nem sabe tudo o que eu tenho feito nos últimos trinta anos.

E quero só ver você me impedir.

— Mãe, a senhora já tem quase noventa anos. Não pode sair dirigindo de Maryland a Massachusetts.

— Posso, sim.

Minha mãe abriu a boca para argumentar, mas uma voz a parou.

— Eu levo a vovó.

Essa voz era a minha.

— Você? — perguntou mamãe.

Vovó se recostou na cadeira, olhando para mim com olhos avaliadores.

— Por quê?

— Porque... — Na verdade, eu não sabia a resposta para aquela pergunta.

Eu me virei para a minha mãe. — Você disse que eu precisava sair de casa...

— Mas eu quis dizer para um encontro!

— E... bem... eu nunca estive em Hereford.

— Sim, esteve, sim — disseram elas em uníssono.

— Estive?

— Já a levamos quando você e Beth eram crianças — explicou mamãe. — Você amou a praia de lá.

De repente, pude me imaginar em pé em um píer de pedra, observando um pequeno caracol rastejando em torno de uma poça de água da maré.

— A das rochas?

Vovó confirmou.

— Você saberá quando vir. Está no seu sangue.
Eu não tinha tanta certeza, mas continuei:
— E... bem... isso ajudaria a todos. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.
Vovó inclinou a cabeça para mim.
— Vá fazer as suas malas, saímos às oito. Quero estar lá a tempo para o jantar.

* * *

Mamãe bateu à minha porta enquanto eu estava fazendo as malas, então se aproximou e se sentou na beirada da cama.

— A vovó foi para casa? — perguntei.
— Foi. Queria que ela não dirigisse à noite, mas ela se recusa a chamar um carro pelo aplicativo.
— Mas ela sabe usar o aplicativo?
— Acho que ela pode fazer muito mais do que deixa transparecer. — Minha mãe hesitou. — Mas ela também não pode fazer tanto quanto pensa que pode. Não deixe que ela se esforce demais.

Franzi o rosto.
— Alguém já teve sucesso em impedir a vovó de fazer *alguma coisa*?
— Uma ou duas vezes. — O fantasma de um sorriso passou pelo seu rosto. — Mas você precisa ficar de olho nela. O coração dela já não é o mesmo. Às vezes, ela se esquece de tomar o remédio. E não pode beber em hipótese alguma. O médico dela foi muito claro sobre isso.

Minha mãe insistia em acompanhar a minha avó ao médico, em parte por causa da confusão que arrumava com os seus remédios, mas principalmente porque a minha avó era uma mentirosa inveterada. Se a minha mãe não estivesse na sala, vovó não só contaria uma série de histórias ultrajantes para o médico, como a minha mãe jamais obteria uma resposta direta sobre a saúde da mãe. Fiquei surpresa com o fato de a minha avó tolerar aquela invasão de privacidade. Mas era o único sinal de que ela estava, de fato, desacelerando um pouco. Ela nunca admitiria, mas ter tomado os remédios errados e a desorientação que se seguiu a haviam assustado.

— Mas ela está bem o suficiente para isso?
— Acredito que ela vai ficar bem com você lá. Sozinha? Não.
— Tudo bem — eu disse enquanto olhava para as roupas espalhadas pela cama e penduradas sobre a bicicleta ergométrica. — Como é o clima de lá? Não sei o que levar.

Isso gerou um sorriso genuíno.
— Mais fresco do que a praia daqui. Com certeza leve alguns suéteres. Algumas calças compridas também. Pode fazer frio à noite. E você vai querer

usar tênis. Há colinas na cidade e muitos dos caminhos são bastante rochosos. — Ela fez uma pausa. — Ou pelo menos eram. Faz tanto tempo que não vou lá. Tenho certeza de que muita coisa mudou.

— Por que você parou de ir lá?

— Bem, a esposa do Sam vendeu o chalé. Costumávamos passar todos os verões lá quando Joan, Richie e eu éramos crianças. Mas aí, meu avô morreu e deixou a casa para o Sam; quando ele morreu, a Louise a vendeu. E sem lugar para se hospedar lá, com os meus avós falecidos... — Minha mãe parou, encolhendo os ombros. — Naquela vez que levamos você e a Beth, tudo parecia estar meio errado. A sua avó estava... tudo foi diferente. E... sei lá. Era um lugar tão longe para ir dirigindo quando vocês eram pequenas, era mais fácil levar vocês para Ocean City.

— Então, levo roupa de banho, coisas normais de praia e algumas roupas mais quentes também?

— Roupa de banho só se você quiser pegar um sol na praia. Você não vai entrar na água.

— Poluição?

— O quê? Não! A água é maravilhosa. Só é *gelada*.

Acrescentei duas roupas de banho à pilha, junto às saídas de praia. Eu não sabia se teria tempo de verdade de ir à praia, mas se tivesse, faria todo esse plano maluco ter valido a pena.

— E leve roupas de verdade também. Não sei se ela arrumou uma hospedagem em algum lugar perto da praia. Vocês poderiam ir até a cidade, fica a oito quilômetros de lá. — Acrescentei alguns vestidos de verão, um cardigã, algumas calças jeans e algumas camisas à pilha. — Você deveria ir dormir — advertiu ela. — É um percurso difícil quando se está dirigindo sem revezamento.

Revirei os olhos. Eu havia dirigido de Daytona para D.C. no último ano da faculdade quando os idiotas dos meus amigos decidiram beber uma hora antes de fazermos o *check-out* do nosso hotel nas férias de primavera. Alguém tinha que nos levar para casa e eu era a responsável.

Era verdade que Brad tinha assumido boa parte da direção quando passemos na última meia década, mas eu sabia que era capaz de fazer aquilo. Além disso, a minha avó não poderia ser mais beligerante do que três universitárias bêbadas. E sair da casa dos meus pais, mesmo que fosse para uma viagem com a minha avó, seria um alívio muito bem-vindo por alguns dias.

QUATRO

— VAMOS COM O MEU CARRO — NOTIFICOU A MINHA avó, olhando de lado para a minha BMW por cima dos seus óculos de sol, que eram comicamente enormes. O carro foi a primeira coisa que pedi no acordo que Brad tinha enviado, seria meu assim que eu o assinasse.

Olhei para o Lexus amassado da minha avó, estacionado de um jeito torto na entrada da sua casa.

— Mas por quê? O meu carro é mais novo. E eu tenho Sirius.

— Bem, eu não ando em carros alemães.

— O que há de errado com os carros alemães?

Ela colocou a mão no quadril.

— Posso pensar em cerca de seis milhões de coisas erradas com eles, mocinha. Agora coloque as bolsas no porta-malas. Precisamos pegar a estrada.

Meu queixo caiu.

— A senhora não vai querer ir no meu carro por causa do *Holocausto*?

— Só porque não aconteceu na sua época não significa que não aconteceu. Pois aconteceu na minha e eu não ando em carros alemães. Não gostou? Então não venha comigo.

— Eu... — Me interrompi. Aquilo não estava começando bem. E se fosse um sinal do que estava por vir, a minha avó *poderia* ser pior do que um carro cheio de garotas bêbadas. Respirei fundo. — Está bem. Então deixa eu pegar as minhas coisas. O seu carro tem *bluetooth* pelo menos?

— É o nome de algum pirata? Não, é um carro normal.

— Eu... hum... tá bom. — Tirei as minhas malas do porta-malas e as transferei para o do sedã japonês menos ofensivo, depois peguei as malas da minha avó no degrau da frente. — Como você conseguiu descer as escadas com estas malas?

— Como você acha? Eu as carreguei.

— Mas como? — perguntei, jogando a segunda no porta-malas. — Eu mal consigo tirá-las do chão.

— Talvez eu seja mais forte do que você. — Olhei para ela. Minha avó parecia um inseto de desenho animado, sorrindo por trás dos óculos escuros.

— Eu as arrumei ali embaixo. Sou muito engenhosa, querida.

— Claro que a senhora é. — Estendi a mão. — Chaves, por favor.

— Não seja boba. Eu vou dirigir na primeira parte do caminho. Na verdade, posso muito bem dirigir o caminho todo. Você pode tirar uma soneca.

— Vó! A senhora não vai dirigir o caminho todo. Por que não me deixa dirigir?

— Porque eu ainda não morri. Meu carro, minhas regras. Eu vou dirigir. Pelo menos até a primeira parada.

Dei de ombros e fui para o banco do passageiro.

A minha avó se sentou com cuidado no banco do motorista e colocou o cinto de segurança com um grande esforço.

— Eles tornam essas coisas tão difíceis. Na minha época, não precisávamos disso. Agora eles multam se você não usar, mas aí eles fazem uma coisa difícil de colocar. — Fingi que estava difícil de colocar o meu também, mas logo se encaixou com facilidade. — E lá vamos nós — disse ela, por fim, então afastou-se depressa da garagem, passou sobre o meio-fio e saltou para a rua com um baque alto. — Você disse alguma coisa, querida?

Agarrei a maçaneta da porta, os olhos arregalados, enquanto ela ia pela rua quase no dobro do limite de velocidade, ziguezagueando loucamente.

— Talvez eu devesse dirigir, vó. A senhora pode ir me indicando o caminho.

— Quem precisa de indicação? Eu sei o caminho. Dirigi para lá mil vezes. Talvez até mais.

— Sim, mas... aquilo era um sinal de pare!

— É só uma sugestão. Já faz alguns anos que colocaram. Ninguém para ali.

— Na sua idade... eles fazem a senhora passar por alguns testes... quando foi que a senhora renovou a sua carteira?

Ela acenou de forma leviana com a mão.

— Ah, eu não tenho isso, não.

— A *carteira*?

— Eles tomaram de mim quando eu tive aquela coisa do miniderrame alguns anos atrás. Foi tão estúpido aquilo. Já estou bem.

— A senhora não tem carteira de motorista?

— E por que eu precisaria de uma? Eu sei dirigir. E ninguém acha que sou jovem demais para beber.

— Vó, encosta o carro.

— Por quê? Qual o problema com você?

— ENCOSTA O CARRO AGORA!

Ela estacionou toda torta, a frente do carro estava a trinta centímetros do meio-fio, a traseira a quase um metro e meio.

— Mas qual é o problema? Nós ainda nem saímos do bairro.

— Sai. Eu vou dirigir.

— Você não vai, não.

— Vó, se a senhora não sair da frente desse volante agora e me deixar dirigir, eu mesma vou chamar a polícia.

— E o que a polícia vai fazer? Me colocar na cadeia?

— Sim — respondi com os dentes cerrados. — E eu prefiro não começar a nossa viagem tendo que tirar a senhora de lá. Então troque de lugar comigo.

— Como você é dramática. — Ela suspirou enquanto tirava o cinto de segurança e então me encarou com um olhar fulminante. — Não conte para a sua mãe sobre a carteira de motorista.

O que foi que eu fiz?, pensei, percebendo que ficar em casa com os meus pais poderia ter sido um plano melhor.

* * *

A minha avó fofocou sobre os meus primos durante a primeira meia hora enquanto deixávamos os subúrbios de Maryland em Washington, D.C., e entrávamos na I-95 Norte. Escutei tudo sem qualquer entusiasmo. Eu não queria mesmo ouvir sobre como duas delas estavam casadas e felizes, como a terceira estava noiva e feliz. Não quando eu estava prestes a me tornar a única divorciada entre nós.

Houve uma pausa quando as placas para Baltimore apareceram, e eu mudei de assunto.

— Então, por que estamos indo para Massachusetts mesmo?

Ela fez uma careta para mim.

— Eu já disse. É coisa minha.

— Tudo bem, mas, tipo... eu não vou contar para a mamãe. A senhora pode me falar.

— Por que você está se divorciando mesmo?

Olhei para ela, as sobrancelhas levantadas.

— Como é?

— Você quer fazer perguntas sobre coisas que não são da sua conta? Então vou fazer a mesma coisa. E não venha me dizer que foi porque ele encontrou outra pessoa. Esse é o sintoma que leva você ao médico, não o diagnóstico.

Estremeci ao me lembrar da voz de Brad. *Não estamos felizes.*

— Tá bom. Não precisamos falar sobre por que estamos indo.

— Você não vai escapar tão fácil assim — reforçou vovó, tirando os seus enormes óculos escuros e olhando para mim. Mantive os meus olhos de propósito na estrada. — O sexo não era bom?

— Vó!

— O que foi?

— Eu não quero falar sobre *isso* com a senhora.

— Não vejo por que não. Afinal, foi como você veio ao mundo, não foi? E acredite ou não, foi assim que a sua mãe chegou aqui também.

— Por favor, pare.

— Seu avô e eu nunca tivemos problemas quanto a isso, felizmente. Não que eu tivesse tido muita experiência antes dele. Mas tive algumas.

Me imaginei soltando o cinto de segurança, abrindo a porta do carro e me jogando no tráfego.

— Será que podemos, por favor, falar, tipo, sobre qualquer outra coisa?
Ela soltou uma gargalhada.

— Ora, você perguntou por que estamos indo para lá. Você não quer saber a resposta?

— Se a resposta for que a senhora vai encontrar um cara com quem dormiu antes do vovô, eu não quero mais saber.

— Não, não vou por causa do Tony.

— Ai, credo, vô. E ele tem um nome. A senhora de fato... Ai, credo.

Tirei a mão do volante para esfregar a têmpora.

— Mas é claro que ele tem um nome. E há uma lição importante para você aqui. Não é como se você só tivesse um único amor na vida. Eu mesma tive dois. — Ela fez uma pausa, e eu podia sentir seus olhos astutos abrindo um buraco na lateral do meu rosto. — Embora eu ache que você ainda não tenha conhecido um dos seus.

Girei o pescoço, que ficou tenso de repente, enquanto me perguntava por um instante se a razão pela qual Brad sempre estalava o dele quando ficava estressado era porque *eu* o tirava do sério.

— Eu amava o Brad — eu disse, baixinho.

Minha avó balançou a cabeça.

— Pois então repita isso para você mesma se isso faz você se sentir melhor.

— O que a senhora sabe sobre isso? A senhora não estava no nosso casamento!

— Nem você mesma estava nele, caso contrário não haveria outra pessoa lá agora.

Levantei a mão.

— Podemos não conversar por um tempo? Temos uma longa viagem... uma longa semana pela frente, e não, eu não quero brigar com a senhora.

— E quem aqui está brigando?

Lancei para ela um olhar irritadiço, e ela logo compreendeu.

Pelo menos por uns três quilômetros.

— Tony não é de fato o começo da história — disse ela enquanto nos aproximávamos do túnel Harbour na 895. — Meu pai é.

— *Zayde* — concordei, usando a palavra iídiche para “vovô”, com a qual minha mãe o chamava.

— O nome dele era Joseph. Yusef, na verdade. Mas ele queria ser americano. Ele veio da Rússia, você sabe. Tinha dezenove anos e estava fugindo.

— Do que ele estava fugindo?

— De um casamento ruim.

Suspirei alto.

— É sério mesmo? Toda essa viagem é, na verdade, uma armação para eu superar o Brad? Porque a senhora não está sendo lá muito sutil.

— Quem aqui está sendo sutil? Nem tudo tem a ver com você, sabia? E esta viagem com certeza não tem.

Ficamos quietas por mais um quilômetro e meio, até que finalmente obriguei os meus ombros a relaxarem.

— Tudo bem — eu disse quando emergimos para a luz. — O que havia de tão ruim no casamento dele?

— Ah, mas ele não era casado. A mãe dele contratou uma casamenteira. E quando eles organizaram o *shidduch*, ele seguiu a casamenteira para encontrar a garota em questão. Ele não se casaria com ela se não gostasse da aparência dela. E ele não gostou. Disse que a moça parecia um velho saco de batatas.

— Então ele simplesmente fugiu?

— Ele embolsou o dinheiro que o pai dele havia lhe dado para comprar um terno de casamento, pegou o trem que passaria pela Europa e então comprou uma passagem em um navio que vinha para a América.

— Como ele se estabeleceu em Hereford?

— Por acidente. Pegou o trem de Nova York para Boston, onde morava um primo. Mas ele adormeceu e perdeu a estação certa. Quando chegou ao fim da linha, desceu e caminhou da estação até a praia e disse que ali era onde queria morar. E ele fez isso desde então até o dia em que morreu.

— E a sua mãe?

— Ela era de Rockport. Algumas cidades depois. Os pais dela vieram da Rússia enquanto a minha avó ainda estava grávida dela. — Ela fez uma pausa.

— Eu nunca conheci os meus avós.

— E como os seus pais se conheceram?

— Ela estava trabalhando para o pai dela. Era mais velha, com vinte e cinco anos na época. Ele tinha vinte e quatro. Papai entrou, deu uma olhada nela e soube que minha mãe era a garota certa para ele. — Minha avó então parou de falar, seus lábios pressionados em uma linha que significava que ela não iria elaborar mais do que aquilo.

Continuamos em silêncio por mais três quilômetros, e eu desejei muito estar no meu carro, onde poderia colocar música do meu celular para tocar. O rosto da minha avó estava virado para a janela. Olhei para ela, e naquele momento, pela primeira vez, achei que ela parecia mais velha do que a avó da minha memória. Vaidosa até a medula, ela seguia religiosamente um regime de cuidados com a pele que a mantinha parecendo mais jovem do que muitos dos seus contemporâneos. Não que ela tivesse tantos contemporâneos sobrando. A maioria dos seus amigos e todos os seus irmãos já haviam falecido. Ela era a segunda mais nova de um total de sete filhos, mas o caçula da família morreria ainda muito jovem em algum acidente nebuloso. Já meu avô tinha morrido fazia... nossa, já fazia cinco anos? A perda tem um preço físico e emocional, as linhas no rosto da minha avó contavam essa história.

Vi um pedaço do meu próprio rosto no espelho retrovisor. Não, ainda não dava para ver linhas, mas isso não significava que eu também parecia a

mesma. Seis meses aprendendo a viver com o fato de que a minha vida nunca seria perfeita — de que *eu* nunca seria perfeita — haviam causado certo dano. Posso não parecer *mais velha*, mas alguma coisa mudou. Eu não sabia como quantificar isso, além do fato de que eu não gostava de nada disso.

Olhei para a minha avó, que estava me observando com os mesmos olhos que os meus, com a diferença de que os dela estavam encapuzados com pálpebras enrugadas.

— Sabe, ela não estava apaixonada por ele.

— Quem?

— A minha mãe. Ela estava apaixonada por outra pessoa. É por isso que ela não tinha se casado ainda aos vinte e cinco anos.

— Então por que...?

— Ele não era judeu, então o pai dela não a deixou se casar com ele. Acho que ela se casou com o papai justamente para fugir da casa do pai.

— Isso é horrível.

— Naquela época era assim. — Ela deu de ombros. — Ou você se casava com um judeu, ou seus pais faziam o *shivá* para você. Foi por isso que eu não me casei com o Tony. Ele era português.

— E a senhora simplesmente concordou com isso? Isso não é algo do seu feitio.

Ela soltou uma pequena risada.

— Você me conhece bem, menina. Não concordei. Mas foi o melhor a fazer no fim das contas. Meu pai acabou voltando atrás em relação ao Tony, mas já era tarde demais para nós, as coisas acontecem do jeito que devem acontecer. Não foi culpa dele. Ele não passava de um produto do seu tempo. Assim como eu sou do meu. Assim como você é do seu.

Eu estremeci.

— Só me diga que esse Tony não é, na verdade, o meu avô. Eu não conseguiria lidar com isso.

Minha avó ficou indignada.

— Eu jamais faria algo assim!

— A senhora está dizendo a verdade?

— Claro que sim! Eu nunca mentiria sobre algo assim.

— A senhora mente o tempo todo!

— Isso é verdade. — Ela sorriu. — Mas eu nunca seria capaz de trair o seu avô.

E com isso, ela começou a me contar sobre o dia em que conheceu o primeiro amor da sua vida.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2023